

RECORTES DE IMPRENSA

ENSINO SUPERIOR/ORGANIZAÇÃO ESTUDANTIL/ENTREVISTA

REPRESENTANDO 60 MIL UNIVERSITÁRIOS:

O que é a Associação Académica de Lisboa?

- entrevista com Alexandre Lourenço, presidente da AAL
Pedro Camacho e Lúcia Sigalho

A AAL - Associação Académica de Lisboa, é uma organização de estudantes de que todos os alunos do ensino superior de Lisboa já ouviram falar. No entanto, se perguntarmos «o que é» a AAL aos estudantes universitários lisboetas, uma grande percentagem deles não saberá definir com precisão o que é esta estrutura associativa. Não saberá, com toda a probabilidade, que a AAL é uma estrutura federativa e que os seus órgãos de gestão são eleitos pelas diversas associações de estudantes membros.

Segundo Alexandre Lourenço, presidente da AAL, a grande diferença entre esta associação e a sua congénere da Coimbra, com a qual é normalmente comparada, reside no facto de esta ser uma associação de estudantes, enquanto a primeira é uma federação de associações.

«Neste momento - afirmou Alexandre Lourenço - a AAL reúne 28 das 30 associações de estudantes existentes em Lisboa. Representamos assim, indirectamente, cerca de 60 mil estudantes».

«Tempos - E qual o papel que a AAL reserva para si?

Alexandre Lourenço - A AAL não é apenas um órgão de cúpula, mas um órgão que vai realizar uma série de actividades que uma associação, sozinha, não poderia efectuar, seja por falta de pessoas, de dinheiro ou simplesmente por não ter legitimidade para tal. Assim, é lógico que projectos globais como a Rádio Universidade Tejo ou a Semana Académica de Lisboa, além de outras questões como por exemplo o problema das saídas profissionais ou de relações internacionais, possam ser realizados pela AAL.

Reivindicação estudantil

«T» - E quanto ao papel reivindicativo? Vai a AAL como organização estudantil, fazer alguma coisa nesse sentido?

A.L. - A AAL orienta-se por dois grandes vectores. Em primeiro lugar, não podemos apoiar as lutas específicas de uma só escola - neste campo podemos apenas fornecer apoio indirecto. Por outro lado, não poderá desenvolver qualquer actividade que seja de apoio a uma associação numa questão que envolva conflito com outros membros.

«T» - A questão colocada referia-se àqueles casos em que não existe conflito entre membros da AAL mas sim entre um membro e outras forças estranhas às associações. Estou a lembrar-me, por exemplo, do recente caso dos Institutos Superiores de Contabilidade e Administração que envolveu um membro da AAL e ISCAL...

A.L. - Nesse caso nós apoiamos totalmente aquilo que os ISCA's nos solicitarem. Não vamos desenvolver uma iniciativa própria, à revelia do ISCAL. Eles vão defender os seus interesses, com os seus organismos próprios, perante os

órgãos do poder. Nós, por nosso turno, faremos toda a defesa que nos for solicitada. E nesto caso, sempre, o nosso sistema de actuação face a problemas específicos, porque não nos queremos sobrepôr às Associações de Estudantes sem retirar-lhes o seu papel.

«T» - Ainda não nos respondes à pergunta inicial. Qual o papel reivindicativo da AAL?

A.L. - A questão do papel reivindicativo da AAL refere-se aos problemas comuns da Academia que não podem ser resolvidos por uma só Associação. Que têm de ser representados por todo o corpo. São essas questões que a AAL defende. Quando a Academia se quiser pronunciar sobre o Estatuto do Ensino Superior Particular e Cooperativo, por exemplo, faz reuniões com as várias Associações de Estudantes que têm a ver com o ensino superior particular e cooperativo, e toma uma posição global que é assumida pela AAL no seu todo.

O problema da AAL é que tem três anos apenas, e tem de lidar com instituições mais velhas. Tomemos o caso do CA-SES (Conselho de Acção Social do Ensino Superior), que trabalha há vários anos sobre os problemas de apoio social; não é a AAL que vai, de um momento para o outro, fazer tudo sobre apoio social aos estudantes universitários.

«Os sete trabalhos da AAL

«T» - Quais são as grandes áreas de intervenção da AAL?

A.L. - Neste momento, e porque nós temos uma propensão para um rápido crescimento,

pelo menos nos próximos tempos, temos sete grandes áreas dentro da AAL, e é assim que ela está estruturada.

Está estruturada em sete departamentos. O primeiro tem a ver com a gestão, administração e publicidade. É um gabinete interno da Associação que permite angariar fundos para as várias actividades, gerir administrativamente os recursos humanos e materiais, e ainda auxiliar, em termos de gestão e apoio jurídico, todas as Associações de Estudantes ligadas à AAL.

A segunda grande área tem a ver com a actividade pedagógica e de acção social.

O terceiro departamento debruça-se principalmente sobre as actividades circum-escolares. A Semana Académica, a Rádio Universidade Tejo, o jornal da Academia, protocolos vários com a Câmara Municipal de Lisboa, com o Centro Nacional de Cultura, com a Secretaria de Estado da Cultura, apoia as várias instituições lisboetas que se movimentam nas áreas culturais, apoio às actividades culturais das associações universitárias, são alguns exemplos das atribuições deste departamento.

O desporto universitário, pretende vir a desenvolver uma actividade importante nesta área.

«T» - Em termos de orçamento anual, qual a verba que a AAL movimentou actualmente?

A.L. - O orçamento provisório deste ano movimentou aproximadamente 5 mil contos para despesas de estrutura. A Semana Académica tem um orçamento próprio de 10 / 11 mil contos. O Encontro Internacional de Estudantes, a realizar em Julho, movimentará outros 6 mil contos. Todas as actividades possuem um orçamento próprio. Logo, neste momento, é impossível dizer quanto é que a AAL vai gastar este ano. O ano passado movimentou cerca de

20 mil contos, incluindo o apoio à RUT e ao CDUL.

Jornal da Academia arranca

«T» - Falante há pouco no jornal da Academia. Para quando está prevista a sua criação?

A.L. - Verificou-se recentemente o aparecimento de alguns jornais universitários de pequena dimensão mas ligados a partidos e outros a suplementos de jornais. Talvez seja a altura ideal para lançar um jornal completamente gerido, redactorial e economicamente, por universitários. Pouco a pouco ir-se-á profissionalizá-lo. Capacidade financeira, para arrancar com um jornal de 5 mil exemplares não a temos. A ideia é ligá-lo, como suplemento, a um jornal de grande expansão, com uma boa imagem. Já fizemos contactos com um jornal importante, um matutino de Lisboa que passará a integrar o nosso jornal nas suas páginas e nos prestará apoio financeiro. Deste modo ganharemos a rotação necessária e poderemos constituir uma orgânica firme. De futuro, quem sabe, talvez possamos «saltar», ganhar a nossa independência.

Associações Académicas
dissoc

**Consensualismo:
condição
«sine qua non»**

«T» - Uma das críticas frequentes que se ouve fazer à AAL é a da sua falta de intervenção no domínio político e social da vida lisboeta...

A.L. - A AAL é uma federação de associações, só pode ser aquilo que as associações quiserem, sem colidir com os interesses particulares de uma qualquer associação membro. Qualquer acção da AAL tem de ser consensual. Para além disso, temos apenas 2 anos, e criar as estruturas da AAL nesse muito tempo, já não foi pouco. Para além disso, até ao presente, não temos tido instalações. Temos andado por Medicina, por Direito, no Técnico... onde calha. Mas daqui a três semanas passamos para a nova sede, onde teremos um auditório, uma sala para exposições, enfim, uma estrutura física capaz de dar resposta às necessidades do funcionamento da AAL.

«T» - Os corpos directivos da AAL são eleitos indirectamente. Porque não eleições directas?

A.L. - Isso passava pelo consentimento de todas as associações porque significaria, em última análise, o seu esvaziamento. Eleições directas significava criar uma grande associação de estudantes, várias vezes superior à de Coimbra. Nós temos 60 mil estudantes e Coimbra apenas 14 mil. Mas significava, também, que as associações iam perder grande parte da força que têm. E isso, nem nós nem as associações, queremos que aconteça.

O contraponto das AAEE

Dois associações disseram de sua justiça. ISCSF, Farmácia, I.S.Técnico, Direito, Agronomia, Veterinária, ISEF, ISCAL, ISE, ISEL e Ciências Médicas da Universidade Nova.

Que consensualismo na A.A.L.? «Pouco e curto», ao que consta. Ou seja o consensualismo que há pouco restringir-se a certos pontos restritos e de índole programática da A.A.L. como será o caso da «existência» da mesma, da bondade de um projecto aglutinador das «forças» de toda a Academia de Lisboa, da necessidade de

criar um catalisador capaz de unir os universitários que andam espalhados um pouco por toda esta cidade. Se a A.A.L. responde a esta necessidade, é o que resta saber.

Enfendamentos partidários, silêncios face a crises como a de sobre as prescrições e as precedências, tráfico de influências e favores políticos... eis alguns dos fantasmas que assombram a «put consensualista» por todos dançada.

No ISEL, dir-á-iam mesmo: «A A.A.L. como existe, não tem razão de ser.

chamamos-lhes 'HIS MASTER'S VOICE'. Têm tido tanto agitar ao partido do Governo que sufocam a voz da Academia». Como exemplo citam-nos o caso de ter sido aprovado em assembleia geral um caderno reivindicativo para a Semana Académica de 87 que a direcção da A.A.L. tard boicote e ainda o de, em várias assembleias, gerais, terem sido aprovados, documentalmente a não integração do ISEL no Ensino Superior Politécnico que nunca foram divulgados.

A propósito do excesso de

partidarização, e referindo-se às últimas eleições para a direcção da A.A.L., um elemento da A.A. do ISE comenta: «Já se sabia quem é que ia ganhar, não por se saber quem eram ou o que faziam, mas por se saber de que lado é que jogavam. Aquilo mais parecia um jogo de futebol!».

Enfim, o depoimento da A.A. de Direito parece recomendar a expectativa geral: «Demos-lhes o benefício da dúvida. Têm uma sede nova e uma direcção nova. É tempo de mostrarem o que valem».

L.S.

Associação Académica
↓SSAC